

O NARIZ

Era uma vez um dentista, respeitadíssimo. Com os seus quarenta e poucos anos, uma filha quase na faculdade. Um homem sério, sóbrio, sem opiniões surpreendentes mas uma sólida reputação como profissional e cidadão. Um dia, apareceu em casa com um nariz postiço. Passado o susto, a mulher e a filha sorriram com fingida tolerância. Era um daqueles narizes de borracha com óculos de aros pretos, sobranceiras e bigodes que fazem a pessoa ficar parecida com o Groucho Marx. Mas o nosso dentista não estava a imitar o Groucho Marx. Sentou-se à mesa do almoço —almoçava sempre em casa — com a retidão costumeira, quieto e algo distraído. Mas com um nariz postiço.

— O que é isso? — perguntou a mulher depois da salada, sorrindo menos.

— Isto o quê?

— Esse nariz.

— Ah. Vi numa vitrina, entrei e comprei.

— Logo tu, pai...

Depois do almoço, ele foi descansar no sofá da sala, como fazia todos os dias. A mulher ficou impaciente.

— Tira isso.

— Por quê?

— As brincadeira têm hora e lugar!

— Mas isto não é brincadeira.

Dormitou uma sesta com o nariz de borracha para o alto. Passado meia hora, levantou-se e dirigiu-se para a porta. A mulher interpelou-o.

— Onde é que tu vais?

— Como, onde é que eu vou? Vou voltar para o consultório.

— Mas com esse nariz?

— Eu não te compreendo— disse ele, olhando-a com censura através dos aros sem lentes. — Se fosse uma gravata nova não dizias nada. Só porque é um nariz...

— Pensa nos vizinhos. Pensa nos clientes.

Os clientes, realmente, não compreenderam o nariz de borracha. Deram risadas (“Logo o senhor, doutor.”), fizeram perguntas, mas terminaram a consulta intrigados e saíram do consultório com dúvidas.

— Ele enlouqueceu?

— Não sei — respondia a recepcionista, que trabalhava com ele há 15 anos. — Nunca o vi assim.

Naquela noite, ele tomou o seu duche, como fazia sempre antes de dormir. Depois vestiu o pijama e o nariz postiço e foi-se deitar.

— Vais usar esse nariz na cama? — perguntou a mulher.

— Vou. Aliás, não vou tirar mais este nariz.

— Mas, por quê?

— Porque não?

Dormiu logo. A mulher passou metade da noite a olhar para o nariz de borracha. De madrugada, começou a chorar baixinho. Ele enlouquecera. Era isso. Tudo estava acabado. Uma carreira brilhante, uma reputação, um nome, uma família perfeita, tudo trocado por um nariz postiço.

— Pai...

— Sim, minha filha.

[Título do documento]

- Podemos conversar?
 - Claro que podemos.
 - É sobre esse nariz...
 - O meu nariz, outra vez? Mas vocês só pensam nisso?
 - Pai, como é que nós não vamos pensar? De uma hora para a outra, um homem como tu resolve andar de nariz postiço e não quer que ninguém note?
 - O nariz é meu e vou continuar a usar.
 - Mas, porquê, pai? Não te dás conta de que te transformaste no palhaço do prédio? Eu não posso mais encontrar os vizinhos, com tanta vergonha. A mãe não tem mais vida social.
 - Não tem porque não quer...
 - Como é que ela vai sair à rua com um homem de nariz postiço?
 - Mas não sou “um homem”. Sou eu. O marido dela. O teu pai. Continuo o mesmo homem. Um nariz de borracha não faz nenhuma diferença.
 - Se não faz nenhuma diferença, então porque usar?
 - Se não faz diferença, porque não usar?
 - Mas, mas...
 - Minha filha...
 - Chega! Não quero conversar mais! Tu não és mais meu pai!
- A mulher e a filha saíram de casa. Ele perdeu todos os clientes. A recepcionista, que trabalhava com ele há 15 anos, pediu a demissão. Não sabia o que esperar de um homem que usava nariz postiço. Evitava aproximar-se dele. Mandou o pedido de demissão pelo correio. Os amigos mais chegados, numa última tentativa de salvar a sua reputação, convenceram-no a consultar um psiquiatra.
- Você vai concordar — disse o psiquiatra, depois de concluir que ele não tinha nenhuma psicopatologia
 - que o seu comportamento é um pouco estranho...
 - Estranho é o comportamento dos outros! — disse ele. — Eu continuo o mesmo. Noventa e dois por cento do meu corpo continua o que era antes. Não mudei a maneira de vestir, nem de pensar, nem de me comportar. Continuo a ser um ótimo dentista, um bom marido, bom pai, contribuinte, sócio do meu clube de futebol, tudo como antes. Mas as pessoas repudiam tudo o resto por causa deste nariz. Um simples nariz de borracha! Quer dizer que eu não sou eu, eu sou o meu nariz?
 - É... — disse o psiquiatra. — Talvez você tenha razão...
- O que é que você acha, leitor? Ele tem razão? Seja como for, não se conformou. Continua a usar o nariz postiço. Porque agora não é mais uma questão de nariz. Agora é uma questão de princípios.

Adaptado de: Luis Fernando Veríssimo, 1981, *O analista de Bagé* (p. 39-42).Porto Alegre.

